

Conexões urbanas: informação e mobilidade no Canal Motoboy

Raquel Salomão Utsch de Carvalho*

Resumo

Neste artigo, reflete-se sobre o processo de produção e registro de narrativas multimidiáticas e coletivas pelos motoboys de São Paulo, por meio da mediação do website Canal Motoboy. Tendo em vista o funcionamento da lógica associativa e os recursos das tecnologias móveis de informação, busca-se compreender como a produção, o consumo e a difusão da informação conformam práticas comunicativas que geram novos territórios de acesso público, possibilitando o compartilhamento de experiências urbanas na rede Zexe.net, da qual o coletivo faz parte.

Palavras-chave: *Narrativas multimidiáticas. Mediação. Experiência urbana.*

*Graduada em Comunicação Social, com ênfase em Jornalismo pela PUC Minas. Aluna do curso de Mestrado em Comunicação Social da PUC Minas.

Experiências urbanas compartilhadas na rede

[...] a lógica construtiva de uma cidade é suporte que se disponibiliza à comunicação de uma ideologia, de uma utopia, plano ou imagem que, enquanto mídias, articulam desejos e valores a identificar uma cidade entre cidades mas, enquanto interação, a cidade vai além das suas aparências ou mensagens midiáticas para se propor como desafio que exige o diálogo banal, corriqueiro, cotidiano, frágil que constitui a vida e a morte de uma cidade... (D'ALÉSIO, 2002).

A rede Zexe.net¹ vem possibilitando a grupos urbanos a expressão de modos específicos de viver nas cidades contemporâneas. O coletivo brasileiro Canal Motoboy faz parte da rede social desde 2007, gerando visibilidade ao universo simbólico de profissionais típicos do meio urbano. “Cronistas do cotidiano”, como são apresentados os *motoboys* no *website*, em constante deslocamento pela cidade, eles produzem e registram, no ambiente comunicativo, narrativas multimidiáticas que empregam recursos de texto, som e imagem da tecnologia móvel de telefonia celular. Uma vez difundidas na rede, essas narrativas ocupam espaço virtual de alcance global.

Na coordenação do projeto, os integrantes reúnem-se, periodicamente, para análise dos conteúdos publicados e formação de grupos de emissores voltados para os temas aprovados pelo grupo. Os *motoboys* de São Paulo atuam na rede Zexe.net com os seguintes coletivos, com os quais compartilham suas experiências urbanas: taxistas (México, desde 2004), ciganos (Léon e Lleida - Espanha, 2005); prostitutas (Madri, 2005); imigrantes nicaraguenses (Costa Rica, 2006); deficientes físicos (Barcelona, 2006); e pessoas com mobilidade reduzida (Genebra, 2008).

A experiência dos *motoboys* no projeto é significativa quanto à forma de atuação profissional do grupo, marcada pela mobilidade no espaço urbano. A tecnologia de telefonia móvel reforça essa característica, ao possibilitar a construção de narrativas que conectam vivências e dinâmicas próprias da vida cotidiana nas grandes cidades contemporâneas. Assim, o coletivo reflete criticamente sobre as suas condições profissionais, construindo representações capazes de fazer frente a estereótipos freqüentemente enfatizados pelos discursos de instituições sociais e midiáticas, o que singulariza a dimensão simbólica do projeto, potencializando seu alcance social e político.

¹ A rede social Zexe.net (www.zexe.net) foi criada pelo artista plástico espanhol Antoni Abad em 2004, como resultado, neste primeiro momento, dos processos de produção e publicação de experiências urbanas de um grupo de taxistas da cidade do México. O trabalho foi iniciado no Brasil com o convite do artista plástico aos motoboys, que receberam aparelhos de telefone celular para o registro de suas experiências urbanas no website. Abad deu início às atividades com um treinamento técnico, durante dois meses. Após esse período, os participantes deram continuidade ao trabalho, responsabilizando-se pela gestão do projeto.

Por intermédio da rede e do uso da tecnologia de comunicação móvel, os *motoboys* narram o cotidiano, apresentando visões de mundo particulares sobre seus percursos diários pela maior cidade brasileira.

A experiência comunicativa vivenciada no Canal Motoboy atesta a diversidade textual a que se refere D'Aléssio (2002), ao afirmar que as cidades contemporâneas podem ser interpretadas como textos resultantes de usos e apropriações sociais, que transformam esse espaço permanentemente; formas que retratam valores, orientam e legitimam visões de mundo, revelando processos subjetivos e concretizando maneiras próprias de viver no espaço urbano. Para a autora, enquanto a mídia constitui um evento planejado semioticamente, visando a determinado efeito de sentido, a mediação conforma-se na rede complexa da informação, permitindo a leitura dos textos que compõem as várias interfaces da paisagem urbana.

Ao ativar conexões entre diversas instâncias da vida urbana, os registros fragmentários sobre as experiências dos *motoboys* conjugam, para além do território físico, o universo da cidade a acontecimentos ligados à vida íntima, conformando um ambiente de memória pessoal e coletiva urbana. Percorrendo trajetos os mais diversos, eles constroem um mapa sensível da cidade, disponibilizam um espaço de acesso público que indica e problematiza pontos críticos sobre as condições de vida de seus habitantes.

Mediação e territórios informacionais

Se no século XX predominou a influência das mídias de massa, que objetivam transmitir uma mesma informação ao maior número e diversidade possível de receptores. Pode-se dizer que, no fim desse século, o surgimento das mídias pós-massivas (eletrônico-digitais) modificou os processos comunicativos, com a liberação do pólo da emissão e da conexão generalizada por meio das redes telemáticas. A interação mediada por computador² e as tecnologias de comunicação móvel levam à diversificação da mediação cultural,³ resultando em formas diferenciadas de experimentar o espaço e o tempo na chamada sociedade da informação. A relação entre tempo e espaço altera-se profundamente, determinando uma época caracterizada pela instantaneidade.

Segundo Lemos (2007), ao viabilizar práticas comunicativas delineadas pela comunicação ubíqua⁴ ou pervasiva, as mídias locativas estão reconfigurando a indústria cultural. Essas mídias consistem em tecnolo-

2 Primo (2003) aborda a interação mediada por computador de uma perspectiva que enfatiza o aspecto relacional da interação, buscando no processo de comunicação interpessoal sua fundamentação; ou seja, no estudo das tecnologias informáticas, trata-se de adotar os modelos um-um e todos-todos, diferentemente da comunicação de massa: um-todos. (Disponível em: http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP08_primo.pdf. Acesso em: 5 nov. 2008)

3 O termo "mediação" é empregado no sentido da ação de fazer a ponte, ou fazer comunicarem-se duas partes, como decorrência de um lugar simbólico, fundador de todo conhecimento. (SODRE, 2002, p. 21)

4 A ubiquidade é a propriedade que permite o compartilhamento simultâneo de vários lugares. (WEISSBERG apud PARENTE, 2006, p. 121)

gias e processos infocomunicacionais, por meio de dispositivos digitais cujo conteúdo informacional vincula-se a determinado lugar. Caracterizadas pela mobilidade, instituem formas de mediação e interação que possibilitam processos singulares de vinculação social, e conformam práticas que geram novos territórios de acesso público, nos quais se reconfiguram vínculos e se criam outros (LEMOS, 2006).

Nesse sentido, a noção de território ultrapassa o aspecto jurídico, como espaço físico delimitado, promovendo o redimensionamento espaço-temporal dos vínculos sociais, que se desterritorializam e se reterritorializam, constantemente, pela lógica das conexões.⁵ Segundo Lemos (2007), as mídias locativas criam territórios informacionais ou lugares simbólicos, trazendo a possibilidade de novas significações para o espaço urbano. As redes sociotécnicas contemporâneas constituem um território híbrido físico/rede comunicacional, mediante o compartilhamento simultâneo de vários lugares, como defende Lemos (2006) ao esclarecer sobre a noção de território:

Definimos território através da idéia de controle sobre fronteiras, podendo essas serem físicas, sociais, simbólicas, culturais, subjetivas. Criar um território é controlar processos que se dão no interior dessas fronteiras. Desterritorializar é, por sua vez, se movimentar nessas fronteiras, criar linhas de fuga, re-significar o inscrito e o instituído.

Na experiência do Canal Motoboy enfatiza-se a realidade de profissionais cujo cotidiano denuncia as condições de risco associadas ao seu trabalho nas capitais do país e que buscam o reconhecimento e a legitimação de sua função social. O processo comunicativo pode ser visto como uma ação de implicações políticas, uma vez baseada nas narrativas de cidadãos que não tinham, até então, nas mídias massivas, a oportunidade de produzir e difundir seus próprios discursos. Dessa forma, o potencial das tecnologias de comunicação móvel tem sido crescentemente explorado por artistas e ativistas em iniciativas de cunho social, com implicações estéticas e políticas importantes no cenário urbano, conforme argumenta Lemos (2007)

Para além da publicidade fácil e do marketing das empresas, deve-se encorajar a produção de conteúdo, a apropriação criativa do espaço urbano, a atenção para com processos de invasão de privacidade, de controle e de vigilância. As mídias locativas podem instituir processos de conexão/compartilhamento/escrita e releitura do espaço urbano.

5 Conforme a lógica das conexões (KASTRUP, 2004), os elementos constitutivos da rede consistem em seus nós, ou pontos de convergência e de bifurcação. Assim, as conexões observáveis no Canal Motoboy inserem-se no âmbito da rede Zexe.net, que conecta sete coletivos delineados pelos mesmos pressupostos estéticos e sociotécnicos de mediação.

As mídias locativas propiciam às pessoas comuns, que não recebem notoriedade por parte das organizações midiáticas ou são comumente estereotipadas nos discursos dessas instituições, tensionarem, em alguma medida, a ordem simbólica estabelecida. Com a liberação do pólo emissor, elas possibilitam a produção, o consumo e a difusão da informação. Não se pode falar de uma ruptura com os processos comunicativos, desenvolvidos a reboque de interesses econômicos, políticos e sociais. O que se verifica, na atualidade, são a diversificação e o tensionamento dos centros privilegiados de emissão, com a mudança nos processos de mediação e interação social, contextualizados em ambientes marcadamente colaborativos.

A mediação tecnológica⁶ presente no Canal Motoboy expande a vivência cotidiana de seus coletivos na cidade para o ambiente comunicativo das redes telemáticas. Amplia-se, assim, a conectividade entre espaços sociais, cuja expressão pública dependia, antes, dos processos fundados na lógica mercadológica da midiatização e das instituições mediadoras tradicionais. Trata-se de considerarmos as condições de funcionamento próprias da lógica associativa, na qual não se distinguem os lugares estanques de emissão e recepção, como ocorre na lógica transmissiva da informação. Nessa situação comunicativa, enfatiza-se a colaboração na produção e a interlocução, o que implica a necessidade da participação baseada em novos hábitos de interação sociotécnica.

Delineados por processos e recursos de mediação característicos das redes telemáticas pelos profissionais paulistas, a produção e o registro de narrativas multimidiáticas e hipertextuais de experiências urbanas exploram a potência da comunicação ubíqua de processar e customizar a informação em tempo real. Com o emprego das mídias locativas, processa-se o controle do fluxo de entrada e saída de informação, bem como o monitoramento e a personalização do conteúdo elaborado para o Canal Motoboy. Ancorado na relação de emissão e recepção por dispositivos que possibilitam a mobilidade comunicacional e informacional no espaço urbano, o processo comunicativo transforma e expande os vínculos e as relações sociais.

Narrativas do cotidiano

O Canal Motoboy propicia formas de participação relacionadas ao universo afetivo de seus integrantes. As narrativas são construídas com uso da função de anotação urbana, mediante a indexação instantânea de mensagens a lugares específicos. Imagens das famílias, motos e objetos pessoais dos participantes estão presentes em monumentos, nas ruas, no meio ambiente e nas pessoas que integram o cotidiano, dando razão de

6 A mediação tecnológica envolve a presença de um medium, que não se restringe ao dispositivo técnico, mas diz respeito ao fluxo comunicacional vinculado a esse dispositivo (SODRÉ, 2002, p. 20). Trata-se, portanto, da ambiência da internet, e não do computador; da mesma forma, a comunicação por dispositivos móveis, como processualidade, e não apenas os aparelhos de telefonia celular, conformam a mediação tecnológica.

ser aos *links*: “Canal Dia a Dia” (voltado para a cena cotidiana); “Motoboy Ambiental” (direcionado às questões do meio ambiente e espaço urbano); “Canal Palavras” (constituído de *tags*, ou etiquetas definidas pelos integrantes); “Emissores” (*links* individuais dos *motoboy*s); “Meios” (conteúdos veiculados pela mídia); “Fórum” (com a participação do visitante por meio de comentários); “?” (textos e programação paralela); e “rede Zexe.net” (*links* com os demais coletivos do projeto).

No ambiente colaborativo, os conteúdos são classificados pelos *motoboy*s, que conferem uma moldura semântica ao banco de dados ali constituído⁷. *Tags* ou palavras-chave, definidas pelos integrantes da rede, indexam o conteúdo postado e possibilitam particularizar percursos. Uma vez estruturada mediante o processo de auto-representação do coletivo, a organização da informação no *website* passa a funcionar como referência de busca na rede em relação ao universo semântico constituído.

Por meio de *tags*, permite-se a troca e a geração de conhecimento, tornando-se os *motoboy*s fontes de informação sobre o cotidiano de São Paulo. Por meio do recurso, chega-se ao banco de dados formado pelas narrativas multidimiáticas, formuladas e classificadas pelos *motoboy*s. Uma ou mais *tags* podem ser geradas para um mesmo *post* e, em resposta aos mecanismos de busca de informações na rede, conteúdos do *website* são relacionados.

Assim, mediante o interesse por determinados campos semânticos, trajetórias diversos são mediados pela arquitetura da informação do projeto. A escolha de certo assunto de interesse focaliza a perspectiva de determinado integrante do coletivo e a opção por aprofundar-se no relato de um “personagem” da cidade pode relativizar ou alterar determinado modo de olhar para o cotidiano. Ao aprofundar-se em uma janela aberta por um ponto de vista ou discussão proposta, determinada hipernarrativa passa a ser o foco de atenção e de sensibilização em relação à experiência registrada pelo grupo social.

As narrativas sobre a experiência urbana conformam um espaço demarcado pela diversidade de histórias e, como afirma Murray (2003), tal possibilidade reflete a estrutura aberta do ambiente comunicativo, originando narrativas que se entrecruzam e aprofundam pontos de vista, privilegiando visões de mundo particulares. Murray explica que, como o computador é um meio procedimental, não há limitação para descrever ou observar padrões de comportamento, como no texto impresso ou filme, por exemplo. A prática colaborativa viabiliza, dessa forma, que os integrantes do coletivo organizem e modifiquem os processos. Em suas histórias, evidenciam-se “per-

7 Formulado por Thomas Vander Wall, o termo “folksonomia” decorre da junção da palavra inglesa *folks* (para determinar pessoas) e “taxonomia” (a ciência de classificar), remetendo ao significado de “classificação do povo”. Os sistemas de *tags* constituem, também, uma rede social de informações, na qual é feita a busca pelos usuários por meio das relações entre a informação e suas respectivas *tags*. (Disponível em: <http://webinsider.uol.com.br/index.php/2007/01/12/tags-e-folksonomia-as-pessoas-organizam-a-informacao/>. Acesso em: 14 dez. 2008)

sonagens”, cenários e perspectivas não raro desconhecidas, que ganham vida em novos contextos, por meio de narrativas difundidas midiaticamente.

Considerações finais

O Canal Motoboy compartilha percepções, modos de sentir e conviver no espaço urbano, na perspectiva de profissionais caracterizados pela mobilidade, o que confere às narrativas relacionadas à vida cotidiana um testemunho específico, singular, sobre a realidade. Com o emprego do aparelho celular, por meio de mensagens instantâneas, formam-se no *website* relatos multifacetados que passam a integrar a memória urbana: narrativas geradas de um lugar próprio, signo do intenso fluxo de trocas materiais e simbólicas inerentes à vida na cidade.

Observa-se a potência comunicativa dessas mídias para a criação de brechas importantes como espaços de enunciação, bem como para a construção de ambientes comunicativos resultantes do uso e apropriação efetiva do espaço urbano. A experiência de deslocamento no território físico, ao qual esse profissional está ligado afetivamente, vitaliza o universo simbólico relacionado à vida urbana, expandindo a cidade para além de seus significados dados.

Essas práticas comunicativas geram novos territórios de sentido, ao conectarem instâncias sociais de um espaço complexo e plural, em constante transformação. Narrativas que organizam e redimensionam um lugar social a mostrar-se ao encontro do outro; visões de mundo que revisitam e questionam os laços sociais, ressignificando a dimensão urbana comum aos que compartilham o cotidiano.

Referências

- D'ALÉSSIO, Lucrécia. 2002. Cidade, meio, mídia e mediação. *Revista Matrizes*, São Paulo-SP, n. 2, 2008. Disponível em: <http://www.usp.br/matrizes/img/02/Dossie2_Luc.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2008.
- KASTRUP, Virgínia. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In: PARENTE, André (Org.). *Tramas da rede*. Porto Alegre: Sulina, 2004. p. 80-90.
- LEMONS, André. Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura. In: COMPOS, XV. Bauru-SP, 2006. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_168.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2008.
- LEMONS, André. Mídia locativa e territórios informacionais. In: GRUPO DE PESQUISA EM CIBERCIDADES – PPGCCC. Salvador: UFBA, 2007. Disponível em: <www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/andrelemons/midia_locativa.pdf>. Acesso em: 18 dez. 2008.
- MURRAY, Janet H. *Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: Itaú Cultural; Unesp, 2003.
- SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, RJ. Vozes, 2002.